



Padronização e vigilância durante a pandemia de Covid-19 em uma escola do campo

Sara Lopes de Sene

Secretaria de Educação e do Esporte do Paraná
Brasil

saradesene@gmail.com

Línlya Sachs

Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Brasil

linlyasachs@yahoo.com.br

Resumo

Devido à pandemia de Covid-19, as aulas presenciais na rede estadual de ensino do Paraná, Brasil, foram suspensas. O objetivo desta pesquisa foi identificar formas de padronização e vigilância que afetaram diretamente o trabalho dos professores de matemática de uma escola do campo nesse período. Para isso, foram realizadas entrevistas com professores de Matemática, que foram analisadas com base em teorizações referentes à Educação do Campo e sobre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle. Conclui-se que, por um lado, a imposição de um planejamento pedagógico padronizado e a obrigatoriedade de realização de aulas síncronas virtuais, com presença esporádica de pessoas externas à escola, caracterizaram um sistema de vigilância – típico da sociedade disciplinar; por outro lado, a utilização de plataformas virtuais para realização das aulas e registro das atividades desenvolvidas implicou na percepção de sempre haver um observador virtual e disperso – típico da sociedade de controle.

Palavras-chave: Educação Matemática; Educação do Campo; Pandemia de Covid-19; Ensino remoto; Sociedade disciplinar; Sociedade de controle; Brasil.

Durante o ano letivo de 2020, muitas adaptações precisaram ocorrer nas redes públicas e privadas de ensino brasileiras, devido à pandemia de Covid-19. Na rede estadual do estado do Paraná, desde o dia 20 de março de 2020, as aulas presenciais foram suspensas pela Secretaria de Educação e do Esporte do Paraná (SEED-PR). Aulas gravadas, denominadas Aulas Paraná,

passaram a ser transmitidas pelo *YouTube* e em canais de TV, para que os estudantes de toda a rede estadual pudessem assistir. Essas transmissões foram acompanhadas de atividades direcionadas aos estudantes, disponibilizadas no *Google Classroom* ou, na impossibilidade de acesso, de modo impresso (sendo entregue aos estudantes ou a seus responsáveis), mantendo-se assim até o final do ano letivo de 2020.

Nesta pesquisa, estamos interessadas no caso de uma escola do campo da rede estadual de ensino, em que quase a totalidade dos estudantes não tinham acesso à internet e ao canal de TV em que foram veiculadas as Aulas Paraná – o que teve consequências nas atividades pedagógicas desenvolvidas durante a pandemia. Tomando como base os documentos curriculares vigentes, aliados a outros dispositivos, o objetivo desta pesquisa foi identificar formas de padronização e vigilância que afetaram diretamente o trabalho dos professores de matemática dessa escola do campo no período de aulas remotas durante a pandemia de Covid-19.

Teorizações

Para o desenvolvimento desta pesquisa¹, foram úteis teorizações referentes à Educação do Campo e sobre a sociedade disciplinar e a sociedade de controle.

No que se refere à Educação do Campo, pontuamos que ela surge enquanto um movimento de luta para acesso à educação por populações camponesas no Brasil, mas adquire, também, um caráter teórico, científico e acadêmico. Como afirma Caldart (2009, p. 38), ela surge da “radicalidade pedagógica destes movimentos sociais e entra no terreno movediço das políticas públicas, da relação com um Estado comprometido com um projeto de sociedade que ela combate”. Dentre esses movimentos sociais, destaca-se o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que assumiu, desde o fim da década de 1990, um protagonismo nessa luta aliada à luta por uma reforma agrária popular.

É importante pontuar que muitas políticas públicas foram resultado das ações desses movimentos, como as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Brasil, 2002), as Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o Desenvolvimento de Políticas Públicas de Atendimento da Educação Básica do Campo (Brasil, 2008), o Programa Nacional de Educação do Campo (Pronacampo), instituído em 2012, com ações voltadas para formação de professores para atuação em escolas do campo (Procampo) e a produção de materiais didáticos específicos para essas escolas (PNLD Campo). De 2016 a 2022, porém, vários retrocessos marcaram a Educação do Campo, como resultado de políticas nacionais.

No que se refere às teorizações de Michel Foucault, focamos aqui em suas pesquisas genealógicas e na caracterização da sociedade disciplinar.

Foucault (2014) chamou de poder disciplinar algumas formas específicas de poder, bem como métodos que permitem o controle das mínimas operações do corpo, que implantam a sujeição constante das forças e impõem uma relação de docilidade. Tratam-se de técnicas sempre

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado desenvolvida pela primeira autora sob orientação da segunda autora, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) *multicampi* Cornélio Procópio e Londrina.

minuciosas, por vezes ínfimas, mas que definiram o modo como os corpos foram politicamente investidos, as quais não cessaram, desde o século XVIII, de ganhar campos cada vez maiores, expondo sua tendência a cobrir todo o corpo social (Foucault, 2014).

O principal objetivo da disciplina é o aumento do domínio de cada um sobre si mesmo (Foucault, 2014). Não funciona como impedimento dos homens no exercício de suas vontades, mas como forma de gerenciamento de suas vidas, a fim de aprimorá-los e controlá-los para que possam melhor servir.

O que se percebe é que a disciplina aumenta as capacidades produtivas dos indivíduos, para, ao mesmo tempo, adestrá-los melhor. Em outras palavras, como afirmam Veiga-Neto e Lopes (2015, p. 49), “afinal, se o homem tem uma alma, é sobre ela que as penas devem recair, para transformá-la, docilizá-la, adestrá-la, dobrá-la, discipliná-la por fim”. Essa é a função que exercem as prisões, mas também, em alguma medida, outras instituições tipicamente modernas, como a escola. Freitas (2015, p. 77) considera a escola “o dispositivo de disciplina por excelência”.

Foucault (2014, p. 182) ressalta que “a escola se torna uma espécie de aparelho de exame ininterrupto que acompanha em todo o seu comprimento a operação do ensino”. O exame faz o indivíduo se manter o tempo todo em estado de vigilância e assim se mantêm as escolas na atualidade; estamos o tempo todo sendo vigiados, controlados e punidos, muitas vezes, pelo excesso de poder.

As sociedades contemporâneas são descritas por Gilles Deleuze como sociedades de controle. Enquanto, na concepção foucaultiana de sociedades disciplinares, o panóptico vigiava os sujeitos fisicamente, na sociedade de controle a disciplina passou a ser imposta virtualmente. Para Deleuze (1999, p. 11), “entramos então em sociedades de controle que diferem em muito das sociedades de disciplina. Aqueles que velam por nosso bem não têm ou não terão mais necessidade de meios de enclausuramento”.

Há uma mudança substancial, não sendo mais necessário um observador real que vigia o sujeito; passa a haver um observador virtual e disperso. Todos podem vigiar e ser vigiados, de modo que espaços públicos passaram a estar em permanente vigilância. Em síntese, não importa mais onde está quem dá a ordem, pois o poder tornou-se líquido e dinâmico.

De acordo com Deleuze (1992), esse novo poder de controle não está tão preocupado com dispositivos que confinem corpos e restrinjam seus deslocamentos, a restrição agora passa para o campo da informação, possibilitando ou rejeitando seu acesso a ela. A docilidade é conquistada, na sociedade de controle, de outro modo. Como afirma Deleuze (1992, p. 216), “o que está sendo implantado, às cegas, são novos tipos de sanções, de educação, de tratamento”.

Desenvolvimento da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com pressupostos qualitativos, a partir da realização de entrevistas semiestruturadas com quatro professores de Matemática² de uma escola do campo³, de um município no interior do estado do Paraná, Brasil. As análises foram realizadas com base nas transcrições das entrevistas, que foram gravadas em áudio, com autorização dos participantes.⁴

O roteiro para as entrevistas foi construído levando em consideração o objetivo da pesquisa. Cada entrevista iniciou com questões introdutórias, com o intuito de conhecer o professor, sua escolaridade e ter maior esclarecimento de qual o vínculo dele com a escola em questão. Na sequência, foram feitas questões específicas, em que buscamos entender como o professor tem lidado com os dispositivos que direcionam o trabalho do professor de modo geral e de forma específica durante a pandemia de Covid-19. Essas últimas possibilitaram que os professores entrevistados relatassem as formas de escape por eles traçadas para lidar com a padronização e a vigilância sobre sua prática pedagógica.

Para a análise dos dados produzidos a partir das entrevistas, baseamo-nos nas teorizações apresentadas anteriormente.

Resultados

Durante a pandemia de Covid-19, a escola do campo foco desta pesquisa (assim como muitas outras) adaptou-se ao ensino remoto, adotando prioritariamente as atividades impressas, pelo fato de pouquíssimos estudantes terem acesso à internet e às Aulas Paraná, que foram transmitidas pelo *YouTube* e em canais de TV.

Assim, os professores da escola utilizaram apostilas impressas, que, no início, eram confeccionadas pelos próprios professores e enviadas para impressão, mas logo substituídas pelas Trilhas de Aprendizagem, que eram materiais padronizados em forma de apostilas desenvolvidas pela SEED-PR, para serem encaminhadas aos estudantes. Os professores entrevistados afirmam que o material era insuficiente para que se comunicassem com os estudantes, de modo a auxiliá-los na aprendizagem.

² São todos os professores de Matemática da escola e atuam nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio (com estudantes de idade esperada de 11 a 17 anos). Todos possuem formação em Licenciatura em Matemática, sendo que três deles possuem contratos temporários de trabalho.

³ A escola atende a comunidades rurais do município onde está localizada e tem como público principal filhos de lavradores que moram em vilas rurais e acampamentos, com difícil acesso à cidade, que não possuem salário fixo e buscam no campo sustento para suas famílias. Não possuem acesso à rede de esgoto, à água potável e alguns deles também não possuem acesso à energia elétrica em suas casas. Uma parte dos alunos auxilia suas famílias na lavoura, para colaborar com o orçamento doméstico.

⁴ Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 38240020.5.0000.5547).

Durante esse período, a SEED-PR disponibilizou Planos de Trabalho Docente (PTD) trimestrais, implantados em toda a rede estadual. Esses documentos, elaborados por disciplina, trimestre e série, continham conteúdos (estruturantes, básicos e específicos), objetivos, encaminhamentos metodológicos, relação da aula com o desenvolvimento das competências gerais, descritores, direcionamento para o trabalho domiciliar, avaliação e referências.

A suposta universalidade dos planos de trabalho destinados aos professores remete a grandes verdades construídas e tomadas como tal – típicas da modernidade. Os relatos dos participantes da pesquisa evidenciam a fragilidade dessas verdades, que não se aplicam ao contexto em que atuam (e, possivelmente, a muitos outros).

Apesar de não substituírem os planejamentos dos professores, de acordo com a instrução da SEED-PR citada anteriormente, os documentos disponibilizados acabavam por padronizar as aulas de toda a rede estadual. A justificativa para essa padronização fazia referência às videoaulas transmitidas pelo *YouTube* e por canais de TV – o que não cabia ao contexto da escola aqui abordada, já que os estudantes, em sua grande maioria, não tinham acesso a elas.

A partir de agosto de 2020, diante da baixa participação nas aulas virtuais síncronas, a SEED-PR impôs a obrigatoriedade aos professores de realização dessas aulas, por meio do *Google Meet*, com a participação de, ao menos, dois estudantes – caso contrário, seria computada falta para o professor. Após grande repercussão, a SEED-PR passou a dizer que não seria mais uma obrigatoriedade, mas uma opção aos professores. O contexto dessa escola do campo, porém, impossibilitava a participação de grande parte dos estudantes.

Aliado a isso, pessoas estranhas assistiram a algumas aulas pelo *Google Meet*, como relata um dos professores: “*a presença de pessoas externas à escola assistindo as nossas Meets, e isso eu acho que é uma violação muito grande do professor, e o professor está ali como sendo que vigiado pela Secretaria, o professor está ali sendo pressionado*”.

Por um lado, as orientações da SEED-PR aos professores, que determinaram que eles seguissem um planejamento que desconsiderava as particularidades dos contextos específicos, são típicas da sociedade disciplinar. Por meio de uma vigilância hierárquica e de sanções com objetivos normalizadores (Chevitarese y Pedro, 2002), os professores eram obrigados a seguir o PTD universal. Para isso, atuavam os Núcleos Regionais de Ensino (NRE) e os diretores das escolas, pressionados pelos NRE e ameaçados de perderem seus cargos, caso não cumprissem as orientações.

A vigilância ocorre com “tecnologias disciplinares e de controle, de judicialização, normalização e segurança, que microfisicamente atravessam os nossos corpos” (Veiga-Neto y Lopes, 2015, p. 52).

Por outro lado, como é típico da sociedade de controle, o professor sente que sempre há um observador virtual e disperso. Mesmo sem a presença de um vigia em todas aulas virtuais síncronas, os registros tecnológicos controlam o professor: acessos *ao Google Meet*, login na rede, tempo de permanência, registros das aulas etc.

A vigilância, da sociedade disciplinar, coexiste com o controle implícito, tecnológico, da sociedade de controle. É o que notamos nas situações vivenciadas pelo professor que era, ao mesmo tempo, vigiado por alguém que assistia às suas aulas, e por ele mesmo, que registrava os conteúdos abordados nas atividades impressas ou nas aulas virtuais síncronas, no Registro de Classe Online (RCO).

As consequências dessa situação passam, também, pela não aprendizagem dos estudantes. Primeiramente, foram desconsiderados os conhecimentos prévios deles e o que os professores, em suas escolas, estavam trabalhando antes da pandemia: *“Essa padronização, ela foi imposta. Isso foi algo muito ruim no quesito ensino-aprendizagem, no quesito autonomia do professor, foi imposto para nós, para o estado inteiro, um PTD disponível no Google Drive, com todas as aulas, e nós tínhamos que seguir aquilo lá, todo mundo: na segunda-feira, os alunos do terceiro ano iriam estudar geometria analítica, o Paraná inteiro. Isso não levou em conta se meu aluno já sabia os conceitos básicos para entrar em geometria analítica, se ele sabia plano cartesiano, por exemplo, se ele tinha conhecimentos, por exemplo, os alunos, de trigonometria, se eles tinham já os conhecimentos prévios de relações métricas de geometria”*.

Também foi desconsiderada a aprendizagem que ocorria ou não, com as aulas remotas. Um dos professores relata: *“eu achei a quantidade de conteúdos muito grande para os alunos, não tem como os alunos aprenderem, principalmente os meus alunos, que estavam apenas com o material impresso, que não tinham as videoaulas para ter uma base, então era muito conteúdo”*. A padronização, como vimos, não se modificou pela aprendizagem ou não dos estudantes, pelos relatos dos professores que estão mais próximos a eles ou por qualquer retorno que se receba; a avaliação, então, deixou de ser parte do processo.

Contudo, as entrevistas realizadas com os professores mostraram-nos, também, escapes compreendidos pelos professores. Os escapes são modos de escapar, isto é, livrar-se de algo que prende e que regula e, assim, produzir com alguma liberdade.

Um professor entrevistado evidencia que traça escapes ao produzir outras possibilidades, diante do que lhe é imposto. Ele descreve como agiu, ao ser padronizado o currículo, pelo PTD da SEED-PR: *“muitos professores fizeram isso [interromperam o que havia planejado e adotaram o PTD universal], mas eu, como professor, não fiz isso. Eu continuei aquilo que eu tinha planejado, aquilo que eu consegui adaptar do conteúdo daquele trimestre, eu consegui absorver alguma coisa, eu colocava, tentava contemplar ao máximo, mas tinha muitas coisas que não dava para contemplar”*.

Outra professora relata o escape por ela traçado: *“a alternativa que eu particularmente tive para fazer com eles, foi utilizar o WhatsApp, conforme eles iam tendo dúvidas, eles mandavam no meu WhatsApp e eu explicava por áudio, pois o áudio eles conseguiam abrir lá na casa deles, fazia explicação no caderno mesmo e mandava. Foi assim que eu consegui”*.

Fica bastante evidente a problemática vivenciada pelos professores que se veem diante de uma padronização curricular, ignorando o que há de específico no contexto, com a utilização de mecanismos de efetivação do poder disciplinar e de ferramentas de controle mais dispersos e contínuos. Apesar dessas amarras, é possível que o professor trace escapes – tanto para lidar com os problemas com os quais se depara, quanto para desviar-se da vigilância e do controle.

Algumas considerações

O objetivo desta pesquisa foi identificar formas de padronização e vigilância que afetaram diretamente o trabalho dos professores de matemática dessa escola do campo no período de aulas remotas durante a pandemia de Covid-19.

A partir da análise qualitativa das entrevistas realizadas, conclui-se que, por um lado, a imposição de um planejamento pedagógico padronizado e a obrigatoriedade de realização de aulas síncronas virtuais, mesmo que os estudantes não tivessem acesso a elas, com presença esporádica de pessoas externas à escola, caracterizaram um sistema de vigilância – típico da sociedade disciplinar; por outro lado, a utilização de plataformas virtuais para realização das aulas e registro das atividades desenvolvidas em aula implicou na percepção de sempre haver um observador virtual e disperso – típico da sociedade de controle.

Diante do currículo padronizado e das ferramentas de controle tão presentes no ensino remoto durante a pandemia de Covid-19, os professores traçaram alguns escapes, por meio de ações específicas para contornar a problemática por eles reconhecidas no contexto dos estudantes dessa escola do campo, como a falta de acesso à internet, as dificuldades de comunicação e as dificuldades de aprendizagem com a utilização quase exclusiva de apostilas impressas.

Referências

- Brasil. (2002). Ministério da Educação. Resolução nº 1, de 3 de abril de 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. *Diário Oficial República Federativa do Brasil*.
- Brasil. (2008). Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 28 de abril de 2008. Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo. *Diário Oficial República Federativa do Brasil*.
- Caldart, R. S. (2009). Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. *Trabalho, Educação e Saúde*, 7 (1), 35-64.
- Chevitarese, L.; Pedro, R. M. L. R. (2002). Da sociedade disciplinar à sociedade de controle: a questão da liberdade por uma alegoria de Franz Kafka, em O Processo, e de Phillip Dick, em Minority Report. *Estudos de Sociologia*, 1 (8), 129-162.
- Deleuze, G. (1992). *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Editora 34.
- Deleuze, G. (1999). *O ato de criação*: palestra de 1987. Tradução de José Marcos Macedo. Folha de São Paulo.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Vozes.
- Freitas, A. S. de. (2015). Domesticação, zoopolítica e incorrigibilidade... Ou o devir-besta da escola em Vigiar e Punir. En Carvalho, A. F. de y Gallo, S. (Org.) *Repensar a educação: 40 anos após Vigiar e Punir* (pp. 71-105). Livraria da Física
- Veiga-Neto, A. y Lopes, M. C. (2015). A alma é deste mundo. En Carvalho, A. F. de y Gallo, S. (Org.) *Repensar a educação: 40 anos após Vigiar e Punir* (pp. 39-69). Livraria da Física.